

O PAPEL DA MULHER NO ROMANCE *MAR AFUERA* (2017), DE GRECIA CÁCERES

Léa Cristina Andrade¹

(UFF)

RESUMO

A questão problematizada nesse artigo busca retratar o papel designado à mulher na obra *Mar afuera* (2017), de Grecia Cáceres. Sendo assim, o que interessa aqui é perceber como a personagem consegue romper determinado ciclo diante de um poder institucionalizado. No livro citado, a autora dá voz à Miranda, uma jovem universitária, que mora com seus pais em Lima e sonha ser escritora. Ela não percebe que é tratada, nessa sociedade, como uma cidadã de segunda classe por uma simples questão de gênero. Além disso, essa mesma sociedade determinava todo o seu comportamento (desde os lugares onde poderia ir até a escolha da pessoa com a qual deveria namorar). Dessa forma, deixou a família conduzir sua vida e pagou um alto preço por isso: sua vontade. Só consegue se reencontrar consigo mesma e com seus sonhos ao descobrir o rio Sena quando chega a Paris. Graças a ele e às suas andanças sempre rodeadas de água, percebe a sua própria origem e o poder de ocupar os espaços da sua vida.

Palavras-chave: Mulher, Espaços, Feminismo.

Introdução

O presente artigo está desenvolvido sob uma perspectiva feminista e tem como *corpus* de análise o romance *Mar afuera* (2017), da escritora peruana Grecia Cáceres. Para tal, todo o processo de pesquisa e formulação tem sua estrutura baseada na obra *O segundo sexo* (2016), de Simone de Beauvoir.

Beauvoir escreve, entre outras coisas, sobre a condição feminina; afirmando que a desigualdade de gênero enfrentada, até hoje, foi histórica e ideologicamente construída. Essa obra é fundamental para o entendimento do aspecto emocional e social em que está inserida a personagem estudada, porque tendo em vista o que foi dito pela filósofa em *O segundo sexo*: “Ninguém nasce mulher; torna-se mulher” (BEAUVOIR, 2016, p.11) –, a questão problematizada busca retratar o papel designado à mulher no referido romance. Sendo assim, o que interessa é identificar como a protagonista consegue romper determinado ciclo – seja ele de violência explícita ou velada – diante de um poder institucionalizado (no qual sua voz é silenciada pelo mero fato de ser mulher). Dessa forma, ainda pretende-se dar mobilidade e voz a esse sujeito feminino, considerando-se, também, que a protagonista é uma jovem em busca de si mesma e do seu lugar no mundo.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação de Estudos de Literatura, área de concentração em Estudos Literários, subárea de Literatura Comparada, da Universidade Federal Fluminense (UFF).
www.xicongressohispanistas.com.br
contato@xicongressohispanistas.com.br



Outra obra que servirá de apoio é: *Fortunas del feminismo: del capitalismo gestionado por el estado a la crisis neoliberal* (2015), de Nancy Fraser. Nesta, a autora fala de um novo feminismo, a partir de uma concepção bidimensional do gênero, ou seja, é preciso que se pense o atual feminismo como uma combinação de duas perspectivas: a distributiva e a de reconhecimento. Sendo assim, essas questões são de suma importância no que se refere à narrativa estudada, uma vez que a personagem busca seu caminho na tentativa de quebrar papéis designados a cada gênero. Para que isso ocorra, é necessário um novo olhar sobre esses problemas. Já que para se construir uma sociedade com mais igualdade, é necessário pensar não apenas nas formas de subordinação que as mulheres enfrentam, por exemplo: a violência doméstica, o estupro etc., mas também na estrutura econômica dessa sociedade, como bem alerta Fraser: “Desde la perspectiva distributiva, el género aparece como una diferenciación similar a la de la clase, arraigada en la estructura económica de la sociedad” (FRASER, 2015, p.192)². Na narrativa estudada, toda a estrutura social, a qual está submetida a protagonista, tem grande influência no decorrer de suas tomadas de decisão.

Além das obras anteriormente mencionadas, destaco: *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras* (2018), de Bell Hooks, *Sejamos todos feministas* (2015), de Chimamanda Adichie, onde a partir de sua própria experiência pessoal, utiliza esse ensaio como uma forma de chamar a todos e todas à reflexão sobre um mundo mais igualitário e justo, tanto para homens quanto para mulheres.

Ainda trabalho com *Profissões para mulheres e outros artigos feministas* (2016), de Virginia Woolf. Nesses ensaios, a romancista questiona a visão tradicional da mulher como “anjo do lar”.

A personagem Miranda (*Mar afuera*), como já assinalado, é uma mulher ainda em busca de sentido para sua vida. Por isso, parece necessitar de “algo mais”, de qualquer coisa que a resgate da sensação de não pertencimento. Em vista disso, fica claro que não se encaixa no tipo de vida que possui. Miranda só consegue o reencontro consigo mesma – e com seus sonhos – quando descobre o rio Sena ao chegar a Paris: é nesse instante que percebe o seu lugar. Com o objetivo de trabalhar esses aspectos, são utilizados como referência os livros *Estrangeiros para nós mesmos* (1994), de Julia Kristeva, e *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios* (2003), de Edward Said. Essas duas obras são de grande relevância para o desenvolvimento do tema abordado e estão em total alinhamento com a trajetória tomada pela protagonista no romance analisado, pois somente em terra estrangeira consegue encontrar-se; percebe que o seu local de antes não lhe trazia satisfação, e sim estranheza.

² “A partir da perspectiva distributiva, o gênero aparece como uma diferenciação semelhante a da classe, enraizada na estrutura econômica da sociedade”. (Tradução minha)



Apesar de não querer deixar sua cidade, a princípio, Miranda acaba conseguindo deslocar-se e encontra um lugar de refúgio em Paris – como se esse momento significasse um parêntesis para a vida em suspenso.

Outra questão problematizada diz respeito aos espaços utilizados como demarcadores das diferenças. Muitas vezes, esses espaços são representados por lugares invisíveis, mas segregadores. Assim como podem ser representados, também, pelas águas; já que essas, muitas vezes, podem estar ligadas à ausência, medo e poder; ou ainda à transformação e renascimento.

Dessa maneira, o estudo sobre o papel da mulher, no romance *Mar afuera*, se mostra importante exatamente como uma forma de reflexão acerca de questões debatidas por tanto tempo e, ainda recorrentes em pleno século XXI. Hoje, ainda se luta pela igualdade de direitos e condições em todos os níveis, dentro de um universo de desigualdades que muitas mulheres continuam enfrentando, gerado por um silenciamento de décadas. Dentro desse contexto, é pertinente citar Bell Hooks, quando diz:

Devemos ter coragem para aprender com o passado e trabalhar por um futuro em que princípios feministas serão o suporte para todos os aspectos de nossa vida pública e privada. As políticas feministas têm por objetivo acabar com a dominação e nos libertar para que sejamos quem somos – para viver a vida em um lugar onde amamos a justiça, onde podemos viver em paz. O feminismo é para todo mundo. (HOOKS, 2018, p.167)

Esse pensamento não está dissociado da realidade que nos cerca, pois pensar o papel da mulher no livro é refletir também sobre a própria sociedade, principalmente no atual quadro político, onde presenciamos o aumento dos feminicídios, tendo em vista que o agressor se sente respaldado por um governo que prega o machismo de forma deslavada em todos os setores. Por isso, é relevante pensar a mulher na narrativa estudada, uma vez que o momento atual precisa de uma sociedade que saiba dialogar dentro dessas diferenças e dos vários espaços ainda negados a esse feminino plural.

Miranda e o descobrimento de si

A história de Miranda começa no momento presente – quando ela já mora em outro país. A partir daí, a protagonista começa a fazer um exercício de memória para saber como foi chegar até ali. Começa a recordar seu caminho até aquele momento e todas as situações que a impulsionaram rumo à travessia do oceano (levando consigo duas crianças recém-nascidas e totalmente dependentes dela). A personagem passa a sentir-se como mergulhada em um mar



agitado e feroz, buscando sobreviver em meio à tempestade de sua vida. Em Lima, ela não tem uma escolha de vida. Ao falar com sua mãe ao telefone, recorda tudo o que passou:

La voz de su madre se confundía con sus recuerdos borrosos de esa Lima enemiga y caótica, erigida en testigo minucioso de su vida pasada, una adolescencia mal terminada, decapitada de golpe, un embarazo repentino, un matrimonio forzado, un marido ausente. (CÁCERES, 2017, p.30)³

Junto a essa voz familiar, Miranda recorda o quanto foi duro ter sua vida transformada em um verdadeiro caos: saiu, de forma repentina, do quarto na casa dos pais para um casamento forçado. Para a família, a sua proteção e a dos filhos só estariam garantidas se houvesse a figura masculina como aval, pois essa figura, na sociedade patriarcal, está intimamente ligada ao destino da mulher, ou seja: a opção de Miranda é o casamento, pois foi educada segundo papéis predeterminados em função do gênero. Nesse sentido, cabe aqui referência a Beauvoir, quando diz: “O destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento. Em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou o foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não sê-lo.” (BEAUVOIR, 2016, p.185). O que fica evidente na atitude da família de Miranda – e vai de encontro ao pensamento de Beauvoir – é que a mãe da protagonista apenas reproduz a educação que teve. Porque, a seu ver, é assim que a sociedade funciona. Ela não questiona esses padrões impostos; ao contrário, insiste em repeti-los. Como bem alerta Beauvoir:

Para ser um indivíduo completo, igual ao homem, é preciso que a mulher tenha acesso ao mundo masculino assim como o homem tem acesso ao mundo feminino, que tenha acesso ao *outro*; só que as exigências do *outro* não são em ambos os casos simétricas. (BEAUVOIR, 2016, p.508)

Assim, Beauvoir reflete sobre alguém que não é visto, ao contrário, é invisibilizado diante de outro – o masculino –, que pode ir e vir em todos os espaços (além de, também, ter acesso ao mundo exterior, por não ter o que temer). No entanto, essa invisibilidade muitas vezes está dentro da própria família – que enxerga esse outro como se fosse o seu reflexo, e não como uma pessoa autônoma.

Dessa forma, se constata que o que está em jogo aqui não é a vontade da protagonista; porque mesmo na nova casa – que supostamente é sua – também não encontra seu espaço.

³ “A voz da sua mãe se confundia com suas lembranças embaçadas dessa Lima inimiga e caótica, construída como testemunha minuciosa da sua vida passada, uma adolescência que mal terminou e foi privada, subitamente, com uma gravidez repentina, um casamento forçado, um marido ausente.” (Tradução minha)



Permanece, enfim, uma completa estranha; só que, agora, é uma estranha a viver com um estranho em uma casa estranha. Apenas em Paris ela começa a ter noção de pertencimento a um lugar. Por isso, nesse momento, faz-se muito pertinente o pensamento de Edward Said (2003), quando ele declara haver diferença entre os exilados, pois nem todos os que vivem em terra estrangeira são obrigados a isso. Existem diversos motivos que levam uma pessoa a deixar seu lugar de origem, seja pela livre escolha, quando se pode optar para onde ir segundo a própria vontade e, diferentemente de quando um país entra em guerra ou passa por algum sistema político que impede as pessoas de exercerem sua vontade. Não tem como compararmos os vários tipos de estrangeiros, mas quase todos, de uma maneira ou outra, sofrem com a distância da terra natal:

Os expatriados moram voluntariamente em outro país, geralmente por motivos pessoais ou sociais. Hemingway e Fitzgerald não foram obrigados a viver na França. Eles podem sentir a mesma solidão e alienação do exilado, mas não sofrem com suas rígidas interdições. Os emigrados gozam de uma situação ambígua. Do ponto de vista técnico, trata-se de alguém que emigra para um outro país. Claro, há sempre uma possibilidade de escolha, quando se trata de emigrar. (SAID, 2003, p.54)

E é justamente o que ocorre com a protagonista Miranda: desde a primeira vez que deixou seu país, teve a opção de escolher para onde iria emigrar naquele momento. Em suma, estava em suas mãos essa decisão. Enfim, ela acaba por optar pela capital francesa: é nesse lugar que se descobre e se identifica; ali acha seu lugar no mundo. Paris acaba sendo, na vida da protagonista, o porto seguro diante de tudo aquilo que passou. Pois só ali se descobre, realmente, uma mulher em busca da solução para ser mãe e ainda continuar existindo como pessoa.

Miranda, como já assinalado, sempre fez aquilo que esperavam dela – intimamente mergulhada na sociedade sufocante em que a própria família estava inserida. Tão latejante é esse domínio que o seu casamento foi imposto pelo mero fato de ter ficado grávida. Ninguém da sua família parou para perguntar como e em que situação ocorreu essa gravidez. Nem mesmo sua mãe foi solidária nesse momento; preferiu não saber, ignorando a dor da própria filha. Preferiu o silêncio para manter as aparências. Em nenhum momento sua mãe questiona o fato de sua gravidez ser fruto de um estupro, por mais que desconheça esse fato. O que interessa é que ela se case para que não fique falada e “desamparada” (mesmo que o marido seja o próprio estuprador). Ninguém questionou o comportamento do seu marido. A questionada era ela. Aquela que era medida e julgada diante do que fazia.



Por isso, é tão importante o pensamento de Chimamanda nesse contexto, pois se uma mudança não for sentida e aplicada na educação e na forma de olhar o sujeito feminino por parte de todos e todas, a naturalização dessas atitudes continuarão se repetindo. E é isso o que acontece com a protagonista, uma vez que já havia sido condenada muito antes. Na verdade, quando lhe designaram papéis baseados, única e exclusivamente, no gênero. Segundo Adichie:



A questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente. (ADICHIE, 2015, p.28)

Como bem assinala Adichie, para um mundo mais igualitário e justo, faz-se necessário uma nova forma de pensar essas relações desde a infância, pois só assim uma mudança pode ser possível, desde o seio da família até o convívio em sociedade. O que se constata no romance *Mar adentro* é que a história da protagonista é a de um sujeito ausente, pois Miranda nasceu e foi moldada em uma sociedade machista e preconceituosa, em que os papéis de cada um eram bem demarcados. Apesar de, aparentemente, ser livre quanto às suas escolhas, não se sente verdadeiramente livre, já que foi criada em um meio onde qualquer coisa que faça e saia desse roteiro pré-estabelecido, seu nome é jogado na lama. Isso já não acontece com os homens, pois continuam no seu direito de ir e vir, de usufruir do seu corpo como queiram, de vestir o que quiserem, sem medo de serem atacados pelo mero fato de serem homens. Por isso, se faz cada vez mais urgente que essa educação também mude e se respeite o sagrado corpo do outro, independentemente de gênero. Isso não ocorre com a protagonista, que é julgada de antemão e condenada, como se nota no trecho a seguir:

En el carro, sucedió algo que nunca supo explicar a nadie y que ella sola vivió como un crimen, como un abuso, como una invasión y un escándalo pero que cada quien interpretó como un incidente más, una chica más que se había dejado seducir y engatusar por el chico bonito del grupo. El hecho de ser equiparada con otras y tener que pagar su vida entera por un instante de distracción y de falta de coraje, la dejó muda por un buen tiempo. Nadie necesita mi versión de los hechos, se dijo. Ni siquiera yo. Y pensó poder ocultarse lo que había pasado, pero no, hubo un engaño mayor, una horrible burla de su cuerpo que, contra su voluntad, cosa impensable, fue preñado. (CÁCERES, 2017, p.166)⁴

⁴ “No carro, aconteceu algo que nunca soube explicar a ninguém e que somente ela viveu como um crime, como um estupro, como uma invasão e um escândalo mas que cada um interpretou como um incidente a mais, ou seja, contato@xicongressohispanistas.com.br”



Miranda não lembra o que aconteceu com ela naquele carro, mas sabe o quanto será julgada e apontada por algo que não queria e não almejava. Mas ela não percebe que reproduz falas machistas quando também julga outras mulheres, quando não quer ser comparada a elas e, dessa forma, mesmo sem saber, silencia aquelas mulheres. Dessa forma, ela está presa a estereótipos e a preconceitos com os quais não concorda, mas não faz nenhum movimento para diminuir ou amenizar essas diferenças porque, como não tem voz, se sente constantemente sufocada e incapaz de sair daquele meio, onde está à margem.

Enquanto vive em Lima, ela não tenta sair desse círculo – coisa que só começa a fazer quando se vê literalmente sozinha, com seus filhos, em uma cidade completamente desconhecida para ela. Só a partir daí toma as rédeas da própria vida, fazendo renascer outra Miranda. Desse modo, a personagem se descobrirá mulher. Assim, passa a sair da condição de mera espectadora para atuar na sua própria vida, sendo, enfim, protagonista na própria história. Entretanto, foi preciso, para tal, que atravessasse o mar imponente à sua frente. E, a partir daí, começa, enfim, a se descobrir como pessoa. Além disso, recebe – como se fosse uma segunda chance – a oportunidade de reencontrar aquela adolescente (não muito distante) que sonhava em ser escritora. Aqui é perfeito citar Virginia Woolf, quando reflete sobre a ocupação dos espaços pelas mulheres, tão atual e relevante nesse contexto:

Vocês ganharam quartos próprios na casa que até agora era só dos homens. Podem, embora com muito trabalho e esforço, pagar o aluguel. Estão ganhando suas quinhentas libras por ano. Mas essa liberdade é só o começo; o quarto é de vocês, mas ainda está vazio. Precisa ser mobiliado, precisa ser decorado, precisa ser dividido. Como vocês vão mobiliar, como vocês vão decorar? Com quem vão dividi-lo, e em que termos? São perguntas, penso eu, da maior importância e interesse. Pela primeira vez na história, vocês podem fazer essas perguntas; pela primeira vez, podem decidir quais serão as respostas. (WOOLF, 2016, p.18-19)

Dessa forma, a escritora reflete sobre os obstáculos que as mulheres enfrentam, em que cabe somente a elas decidirem se continuam à margem ou ocupam e mobíliam esses quartos, ou seja, não basta que os espaços existam, é preciso que pertençam a todos e todas, que se respeite a opinião do outro sem a necessidade de algum sacrifício imposto como algo

mais uma menina que se deixou seduzir e atrair pelo rapaz bonito do grupo. O fato de ser equiparada com outras e ter que pagar sua vida inteira por um instante de distração e de falta de coragem, fez com que ficasse em silêncio por um bom tempo. Ninguém precisa da minha versão dos fatos, ela mesma constatou isso. Nem sequer eu mesma preciso. E assim pensou que poderia esconder o que ocorreu, mas não, houve um engano ainda maior, uma horrível brincadeira do seu corpo e, contra a sua vontade, uma coisa impensável aconteceu: ficou grávida”. (Tradução minha)



inerente ao feminino, simplesmente, com o intuito de agradar o sexo oposto. Esse pensamento de Woolf retrata exatamente a sociedade estudada no romance *Mar afuera*, onde se constata que era um lugar no qual a protagonista se sentia atada por cordões invisíveis. Mesmo cultivando a falsa impressão de ter domínio sobre a própria vida e fazer dela o que bem entender, não foi o que realmente aconteceu, pois nessa sociedade o seu desejo não tem a menor importância; o seu “não” é desprovido de valor diante de um governo que protege os “homens de bem” e de “boa família”. A sua voz não possui som, não é ouvida. Na página 167, fica constatado um pouco do que Miranda lembra da noite em que foi estuprada por aquele menino bonito, de boa família e com quem todas as meninas queriam sair:



Esto no me está pasando, es una violación, decía, con voz ajena tratando de empujar el cuerpo que le pesaba encima. Pero en realidad, ningún sonido salía de su garganta, solo lo estaba pensando. Sus manos y brazos eran demasiado débiles, tenía tanto sueño que le quemaban los ojos. Sentía como de muy lejos un vaivén. Algo de dolor, una quemazón, la incomodidad de la humedad, olores ácidos, desagradables. Una boca que la mordía, una mano que la trituraba, y el peso que la agobiaba impidiéndole respirar. Todo fue muy rápido. (CÁCERES, 2017, p.167)⁵

Miranda não tem forças e nem discernimento para saber o que realmente está acontecendo nesse momento. O que dá a entender depois é que, nessa noite, ela não bebeu – pelo menos nada que a fizesse perder o senso; apenas uma coca-cola (isso levanta a suspeita de que o refrigerante, então, foi “batizado”).

Tudo o que ocorre em sua vida, a partir desse episódio e em tão pouco espaço de tempo, faz com que fique ciente de que alguns sonhos adormeceram nesse percurso de “(re) descoberta sobre si mesma”. Miranda sabe que eles ganharam novas formas. Isso ocorre à medida que, em pouco tempo, consegue amadurecer – graças a uma espécie de “rito de passagem obrigatório”. E é isso o que acontece, pois não imagina que veria desmoronar, de uma hora para outra, o seu mundo tão bem protegido. E o pior: vê-lo cair sem ter a menor responsabilidade sobre esse fato. Só depois de muito tempo ela consegue descobrir que foi, na verdade, vítima de uma vingança. Isso ocorre porque seu marido (apesar de ser de “boa família”) faz parte de um grupo que, sem ela saber, é criminoso. Para completar, o chefe do bando é um amigo de infância de Miranda. Dessa forma, como já relatado anteriormente, compreende por que sempre se sentiu uma completa estrangeira em seu próprio país –

⁵ “Isso não está acontecendo comigo... é um estupro – dizia como se a voz não fosse sua, tentando empurrar aquele corpo que pesava em cima dela. Mas, na verdade, nenhum som saía da sua garganta; só pensava no que gostaria de falar. Suas mãos e seus braços estavam muito fracos. Tinha tanto sono que seus olhos ardiam. Sentia um vai e vem como se estivesse de muito longe. Sentia uma dor, uma queimação, um incômodo úmido, cheiros ácidos, desagradáveis. Uma boca que a mordida, uma mão que a triturava; e o peso que a oprimia, impedindo-a de respirar. Tudo foi muito rápido”. (Tradução minha)



mesmo que inconscientemente. Nunca se sentiu em casa. Achava que sempre estava à margem de algo, mas não compreendia muito bem à margem de quê. Nesse contexto, é pertinente citar Julia Kristeva quando se refere ao “não pertencimento”, pois esse é um estado muito maior do que aquele que determina o seu local de nascimento. A não compreensão dos sentimentos em um lugar que não se encaixa como seu, viver em suspenso diante do desconhecido, mesmo que esse seja familiar:

Não pertencer a nenhum lugar, nenhum tempo, nenhum amor. A origem perdida, o enraizamento impossível, a memória imergente, o presente em suspenso. O espaço do estrangeiro é um trem em marcha, um avião em pleno ar, a própria transição que exclui a parada. Pontos de referência, nada mais. (KRISTEVA, 1994, p.15)

Eis a sensação da protagonista, pois sempre se sentiu uma estrangeira onde quer que estivesse, independente do lugar. O seu estranhamento se refere ao seu próprio entorno, à sua família, à sua vida. Entretanto, o que a faz crescer e se dar conta dessa mudança só é descoberto quando realmente se torna uma estrangeira e, finalmente, consegue respirar. Só assim a personagem adquire consciência de sua própria situação: mulher, peruana, com filhos gêmeos e vivendo onde é uma completa desconhecida. Na verdade, conclui que ela é apenas mais uma na Paris de tantos rostos. Então, decide aproveitar tanto esse distanciamento como a própria solidão para ocupar os espaços visíveis e invisíveis que essa cidade oferece. Espaços antes negados em sua cidade, onde só conseguia encontrar refúgio e alento junto ao mar. Isso reforça a importância de ser destacada, em *Mar afuera*, a presença tanto do mar quanto do rio na vida de Miranda.

Antes dessa fase – de busca por sua própria identidade, autodescoberta e pertencimento a algum lugar –, a personagem nunca experimentou igual sensação de liberdade como aquela provocada ao reconhecer, no rio Sena, um passado recente e pulsante com a presença das águas. Porque como não se via livre, a personagem mantém uma conduta estagnada e não consegue tomar, enfim, decisões sobre a própria vida. Isso porque as formas de poder existentes, bem como a própria sociedade da qual participa, não a deixam respirar livremente.

No livro, o mar é de grande importância por significar descoberta, amadurecimento e espera. Essas águas, testemunhas de sua vida, estão sempre presentes – até mesmo no tempo do corpo que se transforma e que, por isso, não se reconhece. Posteriormente, esse mesmo corpo chega alquebrado a uma terra totalmente estranha, onde não domina o idioma – o que acaba sendo um alívio para Miranda, já que prefere não falar, porque precisa desse silêncio



(tal qual o seu corpo precisa de descanso por tudo o que passou em tão curto espaço de tempo):

Renacer de su propia sangre, pasar del azul al rojo, retomar pie en ese cuerpo que latía entero de dolor, que se expandía en ondas, en contracciones de fuego, abriéndose para dar paso a dos cuerpos que, como pescaditos, habían nadado en su vientre mientras ella se debatía con la cotidiana soledad de su casa de casada. Ese cuerpo había tomado lugar en los extremos de su propio vivirse en dolor, nombrándose mejor en cada grito, que a Miranda le parecía provenir de otra garganta, en su mente agitada preguntándose quién gritaba así a su lado como un animal a la luna. (CÁCERES, 2017, p. 99)⁶

É nesse instante que Miranda se sente mais frágil, pois é como se apenas estivesse presenciando o momento de outra pessoa dar à luz, e não ela. Não se sente ali, se desespera, não tem vontade de ver os filhos, não se sente mãe, não a mãe que esperam: aquela que tudo suporta, a que ama os filhos assim que os têm. Essas sensações representam os estereótipos e não são vividas por ela nesse momento. Isso só faz com que a culpa se instale ainda mais:



Cuando recordaba, a su pesar, que durante varios días se negó a visitarlos en la sala de prematuros. Cuando pensaba en su dolor, metido en las carnes, en su sangre derramada, en la soledad de su corazón, en la imposibilidad que sufría de mirarlos mientras se le llenaban dolorosamente los pechos de una leche que solo intentaba llegar a esas ávidas boquitas. (CÁCERES, 2017, p.126)⁷

Essas sensações tão dicotômicas lhe afligem porque não sabe como agir. Quer continuar sendo filha e não mãe. O que tem é uma imensa vontade de sumir. No entanto, sente como se renascesse nessa imensidão de inquietude e, ao mesmo tempo, abandono, aprisionamento – sensações essas provocadas por sua própria família, que não a escutou, não a enxergou. Mas apesar dessa sensação de solidão, é a partir daí que se evidencia que a personagem completa um ciclo em sua vida; porque ao quebrar a visão inocente da adolescência dentro de si, consegue perceber que essa fase terminou. Assim, torna-se pertinente citar Miguel de Unamuno e sua referência à finitude do ser humano. Para ele, isso

⁶ “Renascer de seu próprio sangue, passando do azul para o vermelho. Voltar a esse corpo, que pulsava inteiro de dor. Crescendo em ondas e em contrações de fogo, ele se abria para dar passagem a dois corpos que, como peixinhos, haviam nadado em seu ventre enquanto ela se debatía com a cotidiana solidão de seu lar de casada. Esse corpo havia assumido o lugar nos extremos de seu próprio “viver em dor” e nomeava-se melhor a cada grito que, para Miranda, parecia vir de outra garganta (em sua mente agitada estava se perguntando quem gritava assim, ao seu lado, como um animal para a lua)”. (Tradução minha)

⁷ “Quando lembrava que durante vários dias se negou em visitá-los na sala onde ficam os prematuros, se arrepende profundamente. Quando pensava na sua dor entranhada, no seu sangue derramado, na solidão do seu coração, na impossibilidade e no sofrimento que tinha quando olhava para eles enquanto os seus peitos se enchiam dolorosamente de um leite que só tentava chegar às suas boquinhas ávidas”. (Tradução minha)



não tem apenas o sentido do fim da vida em si: inclui o fim dos sonhos, das possibilidades, da crença em algo – com o lado lúdico dessa mesma essência permanecendo, muitas vezes, a engolir os seres e a sufocar os corações mais puros. Segundo o escritor:

Conforme entramos e aprofundamos em nós mesmos vamos descobrindo o nosso próprio vazio, que não somos tudo o que somos, que não somos o que gostaríamos de ser, que somos nada. E, ao tocarmos o nosso nada, ao sentirmos nosso fundo permanente, ao não chegarmos nem à nossa própria finitude, nem a nossa própria eternidade, compadecemos-nos de todo coração de nós mesmos, matando o que se chama amor próprio, que é uma espécie de prazer, um gozo da carne da nossa própria alma. (UNAMUNO, 2013, p.129)

Com o término da inocência, outra fase logo tem início. E vem trazendo, em si, novas possibilidades e a crença em um futuro com mais oportunidade de ação. Afinal, é outro ciclo começando... E esse porvir consiste na possibilidade de romper fronteiras, derrubar muros e atravessar oceanos em busca dos sonhos ou mesmo da própria essência do ser. Além disso, as oportunidades podem ser inúmeras – sabe-se que, quando um ciclo se finda, não significa que outro não vá aparecer. E acaba sendo esse sentimento que, ao final de tudo, a personagem experimenta: o recomeço e a retomada dos sonhos que ficaram à deriva. Mas agora, porém, são sonhos mais palpáveis; isso porque ela procura uma alternativa para subverter, de alguma forma, o domínio (seja ele representado pela família, instituições e até mesmo cidades). E a forma encontrada, para isso, é voltando a Paris. Nesse lugar, ela tem como objetivo não só criar seus filhos como também retomar os seus estudos. E assim, pretende conseguir realizar o seu grande sonho: tornar-se uma escritora.

Considerações finais

No romance *Mar afuera* se constata que o papel de Miranda nessa sociedade, à qual faz parte, é baseado única e exclusivamente em estereótipos construídos para dominar, onde fica evidente que tem o respaldo da própria mãe – ao afirmar que a filha vive ao nível do simbólico, não sendo capaz de resolver questões práticas. Nesse contexto, cabe mencionar a fala de Bell Hooks sobre a subordinação da mulher:

Uma vez que nossa sociedade continua “cristã”, multidões de pessoas continuam acreditando que deus ordenou que mulheres fossem subordinadas aos homens no ambiente doméstico. Ainda que multidões de mulheres tenham entrado no mercado de trabalho, ainda que várias mulheres sejam chefes e arrimo de família, a noção de vida doméstica que ainda domina o imaginário da nação é a de que a lógica da



dominação masculina está intacta, seja o homem presente em casa ou não. (HOOKS, 2018, p.18)

Segundo o que explicita Bell Hooks, podemos compreender essas relações como o resultado de formas opressivas, em que as mulheres continuam submetidas à dominação e violação dos seus direitos, mesmo que tenham autonomia no trabalho e no seu entorno. Ou seja: ainda que essas mulheres trabalhem, se sustentem e, muitas vezes, sejam responsáveis pela economia da casa, elas continuam subordinadas aos homens. Mesmo que eles vivam com elas ou não.

No livro *Mar afuera*, essa é a lógica apresentada por aqueles que fazem parte da vida da protagonista: não questionam ou pensam em subverter esse raciocínio no qual apenas um lado é o prejudicado. A mãe da protagonista, por exemplo, acha tudo muito natural. Na sua cabeça, a filha é a diferente (fora dos padrões de comportamento das demais meninas da sua idade). Por outro lado, Miranda simplesmente seguiu ao ritmo dessa corrente que determinaram. Segundo esse contexto, cabe citar Beauvoir quando reflete sobre a passividade, como se essa característica fosse inerente à mulher, usando, dessa forma, o fator biológico para detê-la desde cedo em todos os setores:

Assim, a passividade que caracterizará essencialmente a mulher “feminina” é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade. (BEAUVOIR, 2016, p.24)

E é justamente o que acontece com a protagonista da obra em questão: a sociedade retratada mostra com frequência que, por meio do aspecto biológico, podem ser justificadas ações e abusos contra a mulher. Assim, Miranda só encontra seu lugar quando atravessa o mar. Lá fora e bem distante, ela consegue inventar um lugar de infância que existe em sua memória. Aquele lugar primeiro, onde ainda se sentia livre diante da imensidão do mar. Por isso, se sente bem quando caminha pelo Sena, porque se reconecta a essas lembranças mais felizes de sua terra (constantemente cercadas de água). Miranda sempre teve as águas como grandes testemunhas em sua vida; porque, mesmo sendo muitas, elas estão continuamente presentes durante todo o trajeto de sua existência – seja como um lugar de trânsito ou simplesmente de possibilidades. Mas que acabam por retratar, de forma constante, um espaço a ser descoberto e ocupado.



REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. Tradução de Christina Baum. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Volume 2. Tradução de Sérgio Milliet. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

CÁCERES, Grecia. *Mar Afuera*. Lima: Fondo Editorial Universidad César Vallejo, 2017.

CASTILLA y CORTÁZAR, Blanca. *Persona y Género: Ser varón y ser mujer*. Barcelona: Ediciones Internacionales Universitarias, 1997.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

FRASER, Nancy. *Fortunas del feminismo: del capitalismo gestionado por el estado a la crisis neoliberal*. Tradução de Cristina Piña Aldao. Ecuador: IAEN, 2015.

HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução de Ana Luiza Libânio. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução de Denise Bottmann. 7ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

UNAMUNO, Miguel de. *Do sentimento trágico da vida*. Tradução e organização de John O'Kuinghtons. São Paulo: Hedra, 2013.

WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso. 1ª ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

